



## *Mulheres Organizadas Combatendo Mentalidades de Submissão*

### **FEMINISMO RURAL**

#### **Uma nova forma de ser mulher no campo**

Por: Maria José da Silva – Zezé

Contribuições: Gabriela Monteiro e Cristiane Lina

É comum as pessoas pensarem que nosso Movimento, que é o Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste – MMTR-NE, seja ligado a algum movimento agrário, ou que ele próprio seja agrário. E quando dizemos que o MMTR-NE é autônomo, não é agrário e é **feminista rural**, ouvimos logo a pergunta: “o que quer dizer feminista rural?”

Realmente, apesar de usarmos essa terminologia há muito tempo, não é habitual ouvi-la, até porque, quando se fala em feminismo, liga-se a palavra ao urbano.

Na realidade, o feminismo rural está se construindo, gradativo e firmemente, visto que para as mulheres das áreas rurais tudo é mais complexo, dado o contexto em que vivem.

É verdadeiro dizer que todas nós mulheres brasileiras, vivemos numa sociedade fincada nos alicerces do patriarcado, ainda mais verdadeiro é afirmar que, nos moldes do patriarcado, nossa sociedade se sustenta nos pilares da desigualdade nas relações, sejam essas de gênero, de raça, étnica, de classe, de orientação sexual, religiosa ou de geração.

Ora, se afirmamos que nossa sociedade se baseia nos pilares da desigualdade é porque sabemos que pessoas subjugam e pessoas são subjugadas, embora, nem sempre essas últimas cruzem os braços diante das condições em que querem colocá-las.

É o que acontece com muitas mulheres trabalhadoras rurais (aqui incluídas: produtoras; agricultoras; quebradeiras de coco; extrativistas; assentadas; cortadoras de cana; acampadas, quilombolas, indígenas, pescadoras, do campo, das águas e da floresta), que não acreditam que a situação de desigualdade que sofrem é natural e sim cultural e estrutural imposta pelo patriarcado,



## *Mulheres Organizadas Combatendo Mentalidades de Submissão*

portanto, como é uma cultura e uma estrutura, e não natural, pode, e deve ser mudada.

Não queremos aqui vitimizar às mulheres trabalhadoras rurais, porém, não podemos negar que estas estão entre os seguimentos mais atingidos pelo patriarcado. Todas elas são pobres; a maioria é negra; algumas delas são lésbicas; outras tantas não são alfabetizadas; outras são de religiões de matrizes africanas; outras são índias; outras ciganas; outras são quilombolas.

Enfim, só pelo fato de serem mulheres já são objeto de descontentamento e discriminação, por parte de quem subjuga, e isto se acentua a cada adjetivo atribuído a elas.

E muitas dessas mulheres questionam essa subjugação, se auto-organizam e constroem o feminismo rural, baseado nos princípios da igualdade de direitos (sobretudo entre mulheres e homens) e da valorização da diversidade. Essas mulheres já se reconhecem como protagonistas de suas histórias e querem que outras também se reconheçam.

O feminismo rural foca na necessidade de desmontar toda e qualquer forma de violência praticada contra as mulheres, mostrando que até mesmo o fato de muitos homens, na sua maioria maridos ou companheiros, colocarem agrotóxicos na produção orgânica das mulheres é um tipo violência. Isto se dar porque a produção agropecuária das mulheres não é reconhecida e porque essa produção garante boa parte da sustentação alimentar das famílias do campo e da cidade. Contudo, o pensamento na sociedade patriarcal é o lucro, e não a segurança alimentar e nutricional. Os homens do campo são incentivados a usarem veneno porque isto perpetua a indústria de agrotóxicos, para que seus donos lucrem mais e mais.

Para o feminismo rural, a agroecologia é um projeto político que pauta as relações entre os seres humanos e a natureza. É um modelo de Brasil que sabemos ser viável e no qual apostamos, por fim, é uma forma de produção que deve ser praticada, defendida, divulgada, protegida e reivindicada.

Em se tratando de economia, o feminismo rural tem a certeza de que esta deve ser feminista e solidária, edificada a partir do



## *Mulheres Organizadas Combatendo Mentalidades de Submissão*

respeito e da valorização das pessoas e não do lucro. Onde se leve em consideração a produção, nos seus diversos aspectos, que vão desde a valorização do conhecimento das pessoas, até o sentimento humano colocado em todo o processo da produção.

O Feminismo Rural também vê a atribuição do trabalho reprodutivo somente às mulheres como uma violência, sobretudo o trabalho doméstico, que não é valorizado, por ser realizado no espaço privado, sem nenhuma remuneração. Isto sobrecarrega e limita a participação das mulheres nos espaços públicos, além de ser um dos grandes motivos que reduz a representação das mulheres na política, nos poderes legislativos e executivos em qualquer instância.

Ainda temos que lidar com a violência institucional, isto se dá pelo fato de não haver nenhum mecanismo que coíba a violência vivenciada pelas mulheres, principalmente nos lugares mais remotos, pois, sem efetivação da Lei Maria da Penha e sem o uso correto das Unidades Móveis (ônibus destinados a levar informações e segurança às mulheres em comunidades de difícil acesso), as mulheres rurais, da floresta e ribeirinhas ficam reféns dos seus agressores.

Isto tudo são motivos que nos levam a fortalecer e difundir o Feminismo Rural, para que todas as mulheres das áreas rurais se libertem do jugo da sociedade que vive em função de um patriarcado que já se encontra em ruínas, porém, ainda é capaz de fazer estragos na vida das mulheres e de todas as pessoas que não estejam nos padrões por ele determinados.

O Feminismo Rural se une ao urbano para que todas as mulheres tenham seus direitos valorizados, sua autoestima preservada e sua autonomia garantida no mais amplo sentido da palavra. Pois, só unindo forças é que chegaremos na reconstrução dessa sociedade.